

arqqa

ARQUITECTURA E ARTE

Set|Out 2011 | €11,00

Inserções Infra-estruturais

Jürgen Mayer H.
Zaha Hadid

Guedes Decampos

51N4E

Ricardo Bak Gordon

ECDM

Guilherme Machado Vaz

Assemble

Keller Easterling

Katrina Stoll

Kelly Shannon

Mason White

Neyran Turan

Jesse LeCavalier

Laurent Gutierrez + Valerie Portefaix

Paolo Deganello

Dror Benshetrit

Ângela Ferreira

Pedro Portugal

Manuel Vicente • Biennale di Venezia 2011
Dossier: Projecto Pluridisciplinar 99 • Geração Z: FOR A



ISSN: 1647-077X

funcionar como catalizador do desenvolvimento de uma cidade resiliente com o clima e adaptável, no coração do Delta Mekong. Num território onde uma diferença de poucos centímetros já é significativa, utiliza-se uma manipulação precisa da topografia como ferramenta principal do projecto urbano, para guiar a urbanização e o desenvolvimento da paisagem. Reter um equilíbrio entre “vazio e cheio” é fundamental. Numa interpretação contemporânea do sistema local de dispersão organizada, a rede elevada de estradas e plataformas, para o desenvolvimento tanto urbano como rural, é contrabalançada com zonas baixas de passagens de água e canais, e com zonas intermédias de vegetação. Desenvolvem-se plataformas com várias alturas de preenchimento para corresponder aos níveis desejados de segurança (de cheias). A cidade em expansão e a sua periferia são intencionalmente planeadas como uma justaposição de centros com diferentes características e escalas, resultando das interações específicas, que orquestram, através de uma rede de infra-estruturas e de sistemas naturais (azuis e verdes), as diferenças topográficas e condições relativas ao solo e, finalmente, os destinos programáticos que os alojam. Propõe-se uma “coluna vertebral cívica” elevada como nova armadura que opera à escala da cidade. Combinam-se feixes de estradas e uma rede melhorada de água e zonas verdes, com um parque linear à escala da cidade e um sistema integrado de gestão de águas.

arqa: No âmbito da revolução das tecnologias de informação e comunicação, como se pode estabelecer uma relação produtiva e equilibrada entre as dimensões material e virtual da infra-estrutura na contemporaneidade?

KS: Os avanços materiais e virtuais da infra-estrutura contemporânea são claramente complementares e juntos criam novas economias globais, proximidades e hierarquias. Ambas alargam os horizontes e estabelecem novas possibilidades de troca e desenvolvimento. Podem ambas estar ligadas pelas

Foto: K. Shannon

abordagens diacrónicas e síncronas de compreensão do mundo e à noção da vista a partir de cima e da vista a partir de baixo. Nenhuma das perspectivas é suficiente isoladamente; juntas são produtivas. Enquanto as dimensões virtuais da infra-estrutura contemporâneas expandem o conhecimento e simplificam a acessibilidade a um repertório vasto de informação/globalização, a dimensão do material, particularmente as infra-estruturas de transportes, funda literalmente e serve como coluna vertebral da acessibilidade física, do investimento e da urbanização.

Neyran Turan

Arquiteta, Co-fundadora NEMEstudio, Professora Rice University, Editora New Geographies

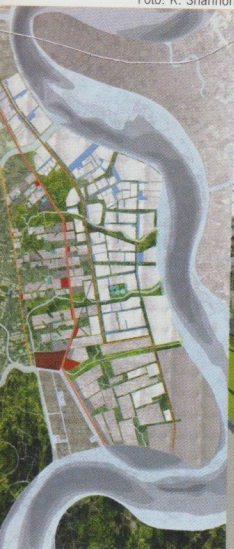
arqa: Tendo em conta a sua investigação e o seu trabalho editorial na “New Geographies”, de que forma lhe interessa a questão da infra-estrutura?

arqa: Perante o processo contínuo de modernização global, como tem a infra-estrutura verdadeiramente afectado, mudado e transformado a nossa condição urbana?

arqa: No âmbito da revolução das tecnologias de informação e comunicação, como se pode estabelecer uma relação produtiva e equilibrada entre as dimensões material e virtual da infra-estrutura na contemporaneidade?

Neyran Turan: “A concepção da arquitectura não é unitária nem pluralista, não é fechada nem aberta, não é rígida nem livre. Existe para evitar a rigidez da ordem total e o caos da independência total.” O. Mathias Ungers
A relação da arquitectura com novas escalas de contexto e áreas de conhecimento (infra-estruturas, ecologia, cultura, política, geografia, economia, tecnologia, etc.) tem sido um tópico vital da última década. Em relação a este

Desenho: OSA/RUA, WIT



Kelly Shannon: Hiep Phuoc, HCMC, Vietnam (2008 OSA/RUA, WIT, PROAP e VIAP)

O enquadramento do Espaço Infinito e da Forma Limitada não é mais que uma articulação da crescente divisão entre a arquitectura e o urbanismo, ou entre a ênfase dada aos sistemas ao invés dos objectos. No meio das tendências expansionistas do Infinito e a inclinação introvertida do Limitado, torna-se claro que é urgente e relevante criar trajectórias teóricas alternativas.

Neyran Turan

tema, poderíamos observar dois paradigmas complementares que emergem relativamente à arquitectura contemporânea e ao urbanismo. O primeiro foi o paradigma do Espaço Infinito (*Endless Space*) – um interesse na acumulação de fluxos ilimitados, condições de campo e sistemas infra-estruturais. A proliferação da Forma Limitada (*Bounded Form*) – ilhas urbanas e interiores herméticos isolados – está em paralelo com esta formação de Espaço Infinito. O Espaço Infinito, despoletado e permitido pelas qualidades dispersivas da urbanização e os efeitos generalizados da globalização, favoreceu o espaço contínuo e informal do urbanismo, celebrando a interdisciplinaridade da arquitectura e a dissolução das suas fronteiras. Sublinhando uma atitude imersiva em forças exteriores, propõe uma arquitectura que está social, ecológica e politicamente envolvida. Assim, o Espaço Infinito, com a sua deslocação dos contextualismos do pós-guerra em relação à infra-estrutura, paisagem e território, colocou em primeiro plano a lógica de organização, de programação, de sistemas e processos; e expandiu o pensamento urbano e arquitectónico. Em contraste, a Forma limitada marcou a singularidade da arquitectura. Isto é, a arquitectura como a acumulação de objectos estéticos auto-contidos. O Espaço Infinito trouxe uma dimensão expandida à arquitectura através de processo de absorção, como se expressa em tendências analíticas de projecto como investigação/paisagem digital/mapeamento e como urbanismo do quotidiano, alinhamentos disciplinares no contexto da paisagem/urbanismo infra-estrutural e explorações territoriais, etc. Em paralelo, a Forma Limitada tem-se continuamente recolhido em várias esferas de especialização, com os seus marcos icónicos autónomos, os Novos Urbanismos e outras variações. À medida que o trabalho inicial, disseminando-se da infra-estrutura e do urbanismo paisagístico, imaginava as noções operativas de superfície, argumento e matriz e desejava uma indeterminação programática, foram explorando, como primeiros locais de operações, aeródromos abandonados, águas poluídas, ou aterros obsoletos da paisagem urbana pós-industrial. Em

paralelo, o projecto como investigação concebeu a cidade contemporânea como algo que evoluía de forças sociais e económicas incontroláveis e os arquitectos foram forçados a compreender as manobras inteligentes e inventivas do meio construído e as evidências convincentes das mutações emergentes. Já sabemos o que veio depois. O Espaço Infinito e a Forma Limitada não só fizeram com que a sua existência mútua fosse necessária mas também relevante. Afinal de contas, as ilhas desertas autónomas da Forma Limitada (quer seja à escala de um objecto arquitectónico, ou de um átrio interior, um centro comercial, um condomínio fechado ou uma zona de comércio livre) eram para ser apenas interpretadas como espaços interiores da “paisagem pós-arquitectónica de um nada altamente intensificado.” (Rem Koolhaas, “Imagining Nothingness”, 1985). Se o Espaço Infinito tratava de um espaço contínuo e indeterminado da infra-estrutura, a Forma Limitada focava-se nas questões do fragmento material puro e duro. À medida que o Espaço Infinito se tornou dissimulado e genérico, a Forma Limitada tornou-se mais brilhante e mais específica, deixando a arquitectura num nevoeiro estonteante de *sistemas* e *objectos*. O enquadramento do Espaço Infinito e da Forma Limitada não é mais que uma articulação da crescente divisão entre a arquitectura e o urbanismo, ou entre a ênfase dada aos sistemas ao invés dos objectos. No meio das tendências expansionistas do Infinito e a inclinação introvertida do Limitado, torna-se claro que é urgente e relevante criar trajectórias teóricas alternativas. Em vez de, por um lado, negar o objecto (onde o objecto é substituído por uma gestão de fluxos, circulação e processos e encarado como uma consequência passiva de contingências sempre crescentes, isto é, a sustentabilidade, as questões sociais e políticas, a tecnologia, etc.), ou, por outro, de negar os sistemas (onde a infra-estrutura é encaradas como um cenário redundante do objecto), a arquitectura precisa de se focar agora em novas trajectórias para um enquadramento arquitectónico da cidade. Em vez da determinação da ordem total ou do caos da total indeterminação, precisamos de um novo



Neyran Turan: “Articulating the Void”, Islands-Voids Studio (estudantes: David Alf, Charles Sharpless);

projecto político que ofereça uma terceira via entre os dois. Depois de uma época de absorção fantástica (tanto de objectos como de análise urbana), agora temos de especular sobre uma confrontação mais directa entre o estético e o político; ou mais especificamente, o papel da arquitectura no urbanismo. Em vez de nos focarmos em documentação meramente descritiva de sistemas externos na cidade e no posicionamento do projecto arquitectónico como consequência dessa análise, precisamos de ver a cidade como consequência da arquitectura. A relação paradoxal entre a singularidade da arquitectura e a multiplicidade de movimentos não é um caso recente e tem gerado um amplo espectro de discussão ao longo da história. O que torna, nesse aspecto, o nosso momento actual especial é a existência de uma consciencialização avançada da impossibilidade de resolução destas contradições e um interesse renovado na exploração mais aprofundada das suas inter-relações. Em analogia com os escritos do filósofo Jacques Rancière, que situam o objecto estético no seu contexto político e social sem desintegrar a sua singularidade, a nossa situação presente inspira uma consciência renovada da acção disciplinar para a arquitectura, uma acção oportuna relativamente à expansão, mas também rigorosa no sentido de um estatuto equivalente da especificidade arquitectónica. Ao invés de limitar, por um lado, a acção à benfeitoria social e, por outro, a especificidade a um balão hermético, estamos na alvorada de enquadramentos radicais que não têm receio de lidar tanto com o político e como com o estético, com a heteronomia da vida e com a autonomia da arte, talvez mesmo à custa de possíveis riscos e falhas produtivas. Veja-se, neste âmbito, a emergência do paradigma geográfico na arquitectura. Por muito que a noção do geográfico pareça uma abertura a uma escala maior, a questão aqui é o atributo muito sintético da geografia que é relevante para as disciplinas de projecto: um atributo que pode dar ênfase à constante interacção da arquitectura com o mundo mais alargado, através de várias acções de enquadramento disciplinar, de sínteses e visões do mundo. Em vez de encarar a arquitectura como uma

consequência passiva de contingências mais alargadas (questões sociais e políticas, sustentabilidade, tecnologia, etc.), talvez o potencial do geográfico só resida na possibilidade de criar conversações proactivas acerca da arquitectura e do urbanismo, que podem, a seu tempo, desenhar uma relação entre aquelas contingências. Na sua definição para o *Dictionary of Human Geography*, Derek Gregory define geografia como "escrita na terra", a partir das suas raízes gregas: *geo* (terra) e *graphia* (escrita). A prática de fazer geografias (isto é, geografiar), de acordo com a definição de Gregory, envolve tanto a escrita acerca do mundo, transmitindo-o, expressando-o ou representando-o, e a escrita no mundo, marcando-o, moldando-o ou transformando-o. Da mesma forma, a relação da arquitectura com o mundo assenta neste ciclo intrincado de *no* e *sobre*, de expansão através de outros campos de conhecimento, seguidos por auto-reflexão e de projecção revertida no mundo. Escondem-se mundos alternativos na síntese destas potencialidades.

Mason White

Arquitecto, Professor University of Toronto, Co-Fundador Lateral Office, Co-Editor Bracket, Director InfraNet Lab

arqa: Tendo em conta a sua investigação sobre a infra-estrutura, redes e ambiente na revista Bracket e no InfraNet Lab, de que forma lhe interessa a questão da infra-estrutura?

Mason White: Interessa-nos interrogar as oportunidades mútuas sintéticas entre a natureza, as infra-estruturas e a arquitectura dentro do nosso mundo cada vez mais urbanizado. A "Bracket" é uma publicação para pensamento inovador e trabalhos de projecto sobre este tópico. O InfraNet Lab é uma entidade de investigação colectiva que pesquisa especificamente as questões contemporâneas, as condições e as circunstâncias inesperadas através das



Neyran Turan: "Articulating the Void", Islands-Voids Studio (estudantes: David Alf, Charles Sharpless); "Down-rise", Islands-Voids Studio (estudante: Jessica Tankard).

